

# **DOS TERREIROS À ACADEMIA: MULHERES DE AXÉ, SABERES TRADICIONAIS E LETRAMENTO ACADÊMICO**

(MÃES DE SANTO E MULHERES DE TERREIRO-  
APRESENTAÇÃO/EDITORIAL)

Dora Barreto- Mãe Dora de Oyá<sup>1</sup>

Beatriz Martins Moura<sup>2</sup>

DOI 10.26512/revistacalundu.v4i1.32234

Receber o convite da Revista Calundu para escrever esse texto de abertura nos deixou muito felizes e honradas e não seria para menos. Além dos anos de diálogos e parcerias que temos com o coletivo Calundu, poder abrir uma edição que se constitui a partir de reflexões acerca da força e da potência que representam as mulheres de axé, é tarefa que por si só mobiliza os nossos afetos. É justamente dos afetos que partimos, pois, esse número carrega consigo a potência dessa rede, que se vai estabelecendo e sendo tecida nos terreiros – e fora deles também – e que tem como figuras centrais as mulheres.

Ser uma mulher de terreiro, é cuidar de uma comunidade toda. Dizemos isso, porque um terreiro não é só um espaço físico onde se praticam ritos. Para além dos muros, existe uma comunidade, que, muitas vezes, vê nos terreiros o seu porto seguro, onde pode buscar ajuda para as suas demandas. É nos terreiros que, não raro, essa comunidade busca alimentação, remédios, conselhos e um olhar e atenção que nem sempre encontra, seja por parte do Estado, seja de outras instituições. Dito isso, acreditamos que as mulheres de terreiro são de fundamental importância para o equilíbrio do terreiro/comunidade, por seu olhar amoroso para com o seu povo e por sua capacidade de agregar valores capazes de transformar a vida das pessoas. Firmeza e amorosidade são características que gostaríamos de destacar nessas mulheres de terreiro. Ser uma mulher de axé, é, antes de tudo, abraçar os filhos que você não pariu, mas que carrega no seu útero cósmico.

---

<sup>1</sup> Yalorisá do Ilê Axé Tojú Lábá em Brasília; Fisioterapeuta de Formação; Mestre de Saberes Tradicionais pelo INCT/UnBI; Integrante da Irmandade da Boa Morte, do Recôncavo baiano; Conselheira do Mulheres de Axé do Brasil; Ativista Cultural; Fundadora e coordenadora do projeto social ABC Musical; Fundadora e coordenadora geral do Afoxé Ogum Pá - DF; Prêmio Paulo Freire de Educador Social 2019; Sacerdotisa de Candomblé com casa aberta há 16 anos em Brasília. E-mail: [dorabarreto@gmail.com](mailto:dorabarreto@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora substituta no Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA; Mestre e Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília- UnB; Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Documentação das Expressões Afro-religiosas do Oeste do Pará e Caribe- NPDAFRO/UFOPA. E-mail: [beatrizmartinsmoura@gmail.com](mailto:beatrizmartinsmoura@gmail.com)

Assim, essa publicação é atravessada por trabalhos bonitos e fortes e costurados a partir dos afetos e de um movimento intelectual que cada vez mais se adensa nas universidades, especialmente a partir das políticas afirmativas, que é o de construir pontes possíveis entre *locus* diferentes de produção de conhecimento, como os terreiros e as universidades. Este número da revista, se apresenta como de extrema relevância, justamente por trazer para a centralidade, a importância histórica das mulheres de axé para a manutenção de suas comunidades. A sociedade ainda alimenta um imaginário da mulher de axé como aquela que não tem ideias próprias, não abre a boca, não opina, fica sentada num trono e no seu silêncio, só estende a mão pra abençoar as pessoas. Quando uma publicação como essa abre espaço para falar *sobre e com* essa mulher e, sobretudo, *para que essa mulher fale sobre si mesma*, evidencia-se que ela, além de esteio da comunidade, é também uma intelectual. Hoje temos mulheres de axé delegadas, médicas, cantoras, escritoras. Se dizemos que uma mulher pode ser o que ela quiser, as mulheres de axé são o maior exemplo disso.

Ainda temos muito que avançar nessa luta por respeito e reconhecimento. Luta que é ancestral. Mesmo antes de um movimento de mulheres negras institucionalizado existir, tal como o conhecemos hoje, se pensarmos, por exemplo, que a Irmandade da Boa Morte há pelo menos 200 anos já lutava e fazia seu protagonismo, quando comprava a alforria de seu povo, percebemos que as mulheres de axé, as mulheres negras, estão na vanguarda da luta e da resistência do povo negro no Brasil. Isso é movimento e protagonismo, de onde podemos destacar a matrilinearidade presente nos terreiros e também nos quilombos. No entanto, esse protagonismo sempre foi negado à mulher negra, quando se nega acesso a direitos trabalhistas, quando se aparta essa mulher de uma saúde de qualidade, quando se criam barreiras para o acesso à escolarização sua e de seus filhos e filhas, quando o estado trabalha a partir de uma política de genocídio da juventude negra, quando se inviabiliza o acesso dessa mulher a espaços de poder. Mas como eu sou uma mulher preta que sonha, acredito que a revolução no mundo irá acontecer pelas mãos das mulheres pretas.

Pensando a partir dos afetos e das revoluções, Iyá Denise Botelho, pesquisadora de temáticas de educação e práticas pedagógicas em terreiros, é quem inicia esta publicação, e a primeira sessão, dedicada aos artigos. Com um texto autobiográfico, intitulado *Memografias de Fé*, a professora Denise Botelho articula importantes reflexões, a partir da memória, sobre como seu lugar enquanto mulher negra, ativista antirracista e antissexista, é diretamente atravessado também por seu percurso formativo

dentro do candomblé. Realidades constitutivas de seu lugar no mundo e da produção de conhecimento a que está dedicada.

A seguir, Ariadne Oliveira, em seu artigo *Mulheres de terreiro e o patriarcado*, estabelece um contraponto entre os valores e formas de organização dos modos de vida dos candomblés no Brasil e suas matrizes africanas, e as heranças morais coloniais impostas pelos portugueses. Com isso, a autora se propõe investigar e compreender de que modo a lógica patriarcal brasileira, forjada pela moral cristã colonizadora, tem influenciado as comunidades de terreiro. Em sua proposta, Ariadne Oliveira parte de um investimento bibliográfico no esforço de levantar reflexões para a questão proposta.

Cledineia Carvalho dos Santos e Fernando Conceição nos convidam a entretecer um conjunto valioso de elementos, entre os quais citamos, fé, identidade, cultura, diversão e as subjetividades da comunidade quilombola de Nova Esperança, localizada no município de Wenceslau Guimarães, baixo sul da Bahia. Em seu texto *Fé e diversão: Devoção à rosário dos pretos e outras manifestações culturais em uma comunidade quilombola*, os autores/as trazem para a cena, o modo como as múltiplas de formas de expressão religiosa são cotidianamente mobilizadas pelas pessoas da comunidade.

A memória é o caminho escolhido por Thatianny Alves de Lima Silva e Wellington Campos da Silva para escrever acerca da vida de Mãe Floripedes de *Òşòòsi*. A autora nos aponta seu interesse em, a partir da biografia de Mãe Floripedes, lançar um olhar crítico sobre conceitos construídos fundamentalmente no ocidente, mas forjados como universais, quais sejam, mulher, corpo, sexo biológico e gênero. O artigo *Mulher negra e candomblecista: a potência gestora de mãe Floripedes* propõe, então abandonar essa universalidade calcada no ocidente para buscar novos olhares sobre o que é ser mulher, a partir de uma perspectiva africana e afro-diaspórica, com especial atenção para a memória, a oralidade e os processos de resistência.

O artigo “*É Minha Filha, Tudo Fui Eu Quem Fiz!*”: *Reflexões sobre a Arquitetura intuitiva de Mametu Muiandê*, de Aisha Diéne encerra de maneira brilhante esta sessão. Inspirada pelas ideias da intelectual e escritora Conceição Evaristo, a autora nos apresenta ao conceito de *arquívivência*, para falar sobre o modo com que Mametu Muiandê estabelece relação com a sua residência. A partir das conversas trocadas com a Mãe de Santo, Aisha Diéne tece um diálogo extremamente perspicaz entre a arquitetura e a antropologia, construindo reflexões que costuram vivência e ontologia.

A sessão seguinte nos traz a resenha de Marcos Rodrigues, intitulada *Preservação ancestral silenciosa*, elaborada a partir da obra *Ijexá*, o povo das águas, de Wilson Caetano

de Sousa Júnior, publicada em 2019. O autor desta resenha destaca a importância cultural das investigações produzidas por Sousa Júnior acerca do *Ijexá* como elemento formador importante da diáspora e apresenta para nós esse livro de modo também a nos convidar à leitura.

Chegamos então à sessão terceira, dedicada aos textos livres. Ali quem inicia os trabalhos é Joyce Viana de Araújo, com o texto *Mãe Jane do Oxóssi: Uma singela oferenda a Mãe Jane do Oxóssi, a bença minha mãe*. Nessa conversa, ouvimos a voz da Mãe de Santo a quem o texto é dedicado nos contando histórias sobre as lidas do terreiro, sobre sua trajetória na religião, como se tornou Iyalorixá e como percebe as vivências religiosas de antes e de agora. A partir dos seus dizeres, construídos no diálogo com outras mulheres que estão ali onde a conversa se desenrola, somos levados a passear nas narrativas por ela trazidas.

Na sequência temos dois textos dedicados à memória de Mãe Stella de Oxóssi. O primeiro deles é de João Augusto dos Reis Neto, intitulado *Odé Kayodê: As palavras de Mãe Stella ecoam no tempo perpetuando a força das mulheres de axé*. O texto saúda o protagonismo feminino na criação e manutenção dos candomblés no Brasil, a partir dessa homenagem feita à Mãe Stella. Ao retomar a biografia da Mãe de Santo, o autor destaca a importância de sua atuação na Bahia e como se tornou uma grande referência intelectual e de atuação política para o povo de santo.

Iyáromi Feitosa Ahualli e Silvana Gorete Estevam de Almeida, por sua vez, dedicam o texto *A mulher que é história: esboços sobre o sepultamento de Iyá Stella de Oxóssi* ao caso do sepultamento de Mãe Stella. Com isso, as autoras levantam questões acerca do modo com que o sistema de justiça brasileiro vem lidando com as demandas das comunidades de terreiro. Uma análise que ganha ainda mais importância se lançamos um olhar para o lastro histórico do trato dado a essas demandas.

Para encerrar esta sessão, temos o trabalho de Melina Souza da Rocha. Em uma interessante articulação produzida entre autoras/es negras/os e diálogos construídos com a Mestra Cássia, o texto *O discurso contra colonial de mestras de axé: Trajetórias de racismo religioso na educação, e processos de resistência feminina* se propõe e nos provoca a pensar junto sobre os modos operandi do sistema educacional, como reprodutor de desigualdades. Em contraponto, as experiências da Mestra apontam caminhos valiosos no entendimento dos processos de luta, que envolvem os questionamentos a esse sistema educacional ainda excludente, ao mesmo tempo que sinalizam caminhos possíveis de mudança e reposicionamento.

Este número da Revista Calundu se encerra com a sessão especial, composta por três textos, todos dedicados à Mãe Patrícia de Oyá Timboá. O primeiro deles, é o texto de abertura da sessão especial, assinado por Tânia Mara Campos de Almeida e Guilherme Dantas Nogueira, *Aproximação sobre o pensamento de uma mãe de santo e a emancipação feminina*. Ali, os/ as autores/as nos falam sobre a história da Mãe de Santo, ao mesmo em que contam sobre suas respectivas relações com ela, de modo também a apresentar a sequência de escritos que leremos a seguir.

Em *Hijas de Ilé: O el fechizo más grande, convertir niñas en mujeres*, as autoras Mae pequena Skuld Wollo, Yabba Skadi Wollo e Kaira Wollo elaboram uma narrativa em que, contando um pouco das histórias de Mãe Patrícia e de entidades da casa, como a Vóvó Luiza, Nema e Maria Padilha, trazem para o centro uma poderosa discussão sobre resistência e resiliência a partir da luta contra o patriarcado e da força feminina.

O texto que encerra a sessão especial, bem como o número da revista é uma *entrevista com Mãe Patrícia*, em que podemos “ouvi-la” falando, entre outras coisas, sobre feminismo, luta, identidade, religiosidade e temos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre sua história. Um trabalho realizado a muitas mãos e selado pela parceria, pelo respeito e pela admiração.

É, portanto, mais que importante, necessário que este número da Revista Calundu, **Mães de Santo e Mulheres de Terreiro**, seja lido, pois ele reflete toda a potência epistêmica, política e comunitária mobilizada por essas mulheres. Os candomblés no Brasil se firmam historicamente pelas mãos das mulheres negras, das mulheres de axé e é o olhar respeitoso e profundamente comprometido e engajado que cada um desses artigos e textos lançam sobre essa matripotência, que queremos destacar, ao convidar o público à leitura. Que essa leitura nos inspire a seguir mobilizando uma produção intelectual que nos faça transitar dos terreiros à universidade, em diálogo direto com os conhecimentos e teorias que as mulheres de axé sempre criaram, mobilizaram e continuam mobilizando. Axé!

Brasília-DF e Santarém-Pa, 11 de Junho de 2020